

PSICOLOGÍA, CIENCIA Y PROFESIÓN: MIRANDO AL FUTURO

INTERVIR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COEDUCAÇÃO REALIDADE OU INTENÇÃO?

Isabel Cabrita Condessa**Zélia Caçador Anastácio**

Centre on Child Studies – Minho University CIEC-UM

Education Department – University of the Azores

maria.id.condessa@uac.pt - zelia@ie.uminho.pt

<http://dx.doi.org/10.17060/ijodaep.2016.n1.v2.216>*Fecha de Recepción: 7 Febrero 2016**Fecha de Admisión: 15 Febrero 2016*

RESUMO

Intervir de forma consciente e organizada em prol da promoção da igualdade de oportunidades na escola tem sido, nas últimas décadas, um dos propósitos da Educação Física (EF) na Europa. Através das rotinas e das oportunidades que se proporcionam, rapazes e raparigas têm acesso a uma prática de atividade física e desportiva (AFD) que lhes possibilita aperfeiçoar capacidades, competências e atitudes. O contributo da EF na educação é de um valor significativo, viabilizando às crianças e jovens construir a sua imagem corporal e os estereótipos de género, desenvolver afetos e emoções, cultivar a sua relação com os outros, criar capacidades e valores, ajudando deste modo a uma formação das atitudes individuais ou coletivas, que respeitem a igualdade de género e os direitos humanos.

Este estudo foi realizado a partir da informação recolhida, através da aplicação de um questionário, a uma amostra de 993 crianças (57.5% raparigas, 42.5% rapazes) com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos, pertencentes a várias escolas do ensino público. Ambicionou comparar as perceções e preferências de rapazes e raparigas relativamente às práticas AFD que decorrem na disciplina de EF, para se poderem apresentar alternativas de práticas mais flexíveis e integradoras.

Os nossos resultados permitem-nos concluir que a AFD na escola continua a ser muito marcada por práticas de técnicas de movimento, jogos e competições desportivas, vivências muito identificadas com os estereótipos masculinos e que nem sempre ajudam à formação de um bom esquema corporal e de comportamentos, tendendo a manter ao longo da vida, para muita(o)s jovens.

Sugerimos que as atividades oferecidas às crianças e jovens nas escolas sejam mais diversificadas e inclusivas, impondo um nível de desempenho e de satisfação mais adequado a cada caso

INTERVIR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COEDUCAÇÃO. REALIDADE OU INTENÇÃO?

em particular, devendo estar mais centradas quer em atividades de ar livre, quer em práticas que desenvolvem também as dimensões sensitiva, expressiva e corporal do(a)s aluno(a)s.

Palavras Chave: Atividades Físicas e Desportivas, Género; Intervenção Educativa; Coeducação.

ABSTRACT

Intervention on Coeducation through Physical Education. Reality or intention?

Conscious and organized intervention, in order to achieve promotion of equal opportunities in school has been, in recent decades, a major goal of physical education (PE) in Europe. Through routines and opportunities that provide both boys and girls access to physical activity and sports (PAS) which enables them to improve skills, competencies and attitudes. We believe that the contribution of PE in education is of significant value, as it enables children and young people to build their body image and gender stereotypes, develop affections and emotions, cultivate their relationship with others, build capacity and values, thus helping the training of individual or collective attitudes that respect gender equality and human rights.

This study was conducted from the information collected through the application of a questionnaire to a population of 993 children, 57.5% girls and 42.5% boys, aged between 10 and 12 years, belonging to various schools. It aspires to compare the perceptions and preferences of boys and girls in respect of PAS practices that take place in PE, and to present alternative behaviors that are more flexible and inclusive.

From our results we conclude that the PAS in school remains very marked by practical training of movement techniques, games and sport competitions. These experiences, mainly identified with male stereotypes, do not always help, for many young people, the formation of a good body image and good behaviors that should be maintained throughout life.

We suggest that the activities offered to children and young people in schools should be more diverse and inclusive, imposing an appropriate level of performance and satisfaction to each case in particular.

The activities should also be more focused either on outdoor practices or in practices that develop the sensory, expressive and body dimensions of students.

Keywords: Physical Activity and Sports; Gender; Educative Intervention; Coeducation.

INTRODUÇÃO

A natureza biológica, que aparentemente está na base do motivo para a ação ou movimento, é naturalmente ultrapassada pela contínua interação do indivíduo em sociedade, onde se vão construindo crenças e relações interpessoais que tenderão a estereotipar os seus comportamentos, ora potenciando a sua adesão, ora bloqueando o acesso às práticas mais variadas, onde se inclui a cultura da atividade física, artística e desportiva. Neste sentido, podemos dizer que embora aparentemente a dicotómica divisão das atividades físicas e desportivas, em práticas para homens e práticas para mulheres, seja atribuída à necessidade de adequação às características biofisiológicas, geneticamente determinadas pelo sexo e que se repercutem em toda uma variedade de parâmetros pessoais, a história faz-nos crer que esta separação também foi construída através de pressões culturais e sociais.

As questões do género, ao lado de outras, culminam de aspetos socioculturais, como os de outros grupos minoritários, que geram uma desigualdade na realização do movimento humano. Para Fernandez-Balboa (1997), pelo facto de a EF ter eleito o desporto como um dos meios legítimos de ação, estabelece-se um “*Status Quo*” que sustenta as assimetrias das representações das relações de género (masculinização ou feminilidade). Essa distinção parece ser frequentemente avivada pela fraca anuência das jovens às múltiplas práticas físicas oferecidas pelo currículo da EF.

As influências socioculturais afetam de forma diferente os rapazes e as raparigas, sendo normalmente as últimas mais insatisfeitas relativamente à sua aparência física. Para Martins, Nunes & Noronha (2008) o conhecimento que o sujeito desenvolve sobre si mesmo e do seu corpo, por meio de imagens e representações, são constructos importantes para a análise do bem-estar psicológico na adolescência e variam muito com a imagem que no coletivo da sociedade se propõe para o homem ou a mulher ideal. Se para os rapazes o ideal de imagem corporal corresponde a um corpo forte e musculado, já para as raparigas, prefere-se um corpo mais esguio e frágil, como o corpo assumido pelas modelos e atrizes. Cunha (2004) reforça na sua obra que a imagem corporal é um projeto aberto a reconstruções de acordo com o intuito que cada um tem da representação que possui pela sua integração na comunidade, sofrendo atualmente muita pressão da sociedade de consumo, quer por pares quer pelos *media*, onde se incluem questões que advêm da educação para a saúde e sexualidade.

As dificuldades acrescidas com que crianças e jovens se deparam nas práticas de AFD na escola podem tornar-se um fator negativo para a formação do seu autoconceito de competência e, conseqüentemente, contribuir para uma baixa autoestima e desmotivação para a prática (_____, 2003; Pacheco & _____, 2012). Por outro lado, Cunha (2004) encontrou uma relação entre a percepção de jovens adolescentes que associam a magreza com um maior sucesso na saúde, na sua capacidade para a realização de tarefas de índole física e na sua integração social com pares. Assim, é nossa expectativa que haja uma complementaridade de oferta de práticas que se reproduzam em experiências proporcionadas nas aulas da EF, mais diversificadas e inclusivas, aumentando assim a anuência das jovens às múltiplas atividade físicas oferecidas no seu percurso curricular.

Sabemos que a qualidade e a diversidade das oportunidades de práticas físicas na escola, desde o início do ensino básico, em muitos casos tenderão a influenciar os comportamentos futuros das crianças e jovens, já que é ainda elevado o número daqueles que não praticam atividades em clubes desportivos. Em pleno século XXI, a participação de pessoas à prática física e desportiva não é partilhada equitativamente entre os diferentes sexos/géneros, verificando-se ainda desigualdades muito significativas.

Na verdade, como a prática desportiva continua a estar ausente da vida de uma percentagem muito significativa da população, sobretudo da feminina, exige-se que se faça um esforço para mudarmos os seus comportamentos. Pensamos que ao ultrapassarmos uma prática quase exclusiva do desporto masculinizado, criando-se ambientes facilitadores de atitudes sociais e percepções positivas de atividade física que suscite o envolvimento de todo(a)s ele(a)s, estaremos a reforçar a educação para o sucesso, onde a adesão ao desporto e lazer é superior e, inevitavelmente, será maior a adoção de hábitos de vida saudáveis.

Uma escola que não reflete sobre suas práticas de AFD e o seu papel na formação de seus aluno(a)s acaba por colaborar na formação dos estereótipos de homem e mulher do amanhã, ajudando na formação de padrões e regras socialmente normalizadas de conduta, quanto à masculinidade e feminilidade, limitando desde logo as experiências e práticas estabelecidas como “adequadas” aos meninos ou às meninas.” (Lima & Dinis, 2007).

De facto, Hall (1996) recomenda que as políticas e práticas inerentes aos programas escolares possibilitem: por um lado, que as raparigas tenham uma equidade de oportunidades de participar com os rapazes em atividades práticas e desportivas; por outro lado, que as raparigas sejam encorajadas e motivadas a empenharem-se em atividades atléticas e desportivas. Seguindo a premissa do “desporto para todos”, - o desporto escolar em Portugal é mencionado como um programa que na escola fomenta a introdução à prática desportiva e à competição, enquanto estratégia de promoção do sucesso educativo e de estilos de vida saudáveis.

Considerando que a escola poderá ser considerada um local / momento de oportunidade(s)

INTERVIR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COEDUCAÇÃO. REALIDADE OU INTENÇÃO?

única(s), ela deverá criar uma verdadeira mudança, através de viragens que proporcionem melhorias substanciais em práticas coeducativas. Aqui, consideramos primordial facilitar a boa competitividade - quer em atividades lúdicas de complexidade crescente, quer em práticas desportivas onde as crianças e jovens aprendam a respeitar, a ser tolerantes e a lidar com os seus (in)sucessos; mas ainda, reforçar a sua sensibilidade e expressividade dos jovens.

Iniciámos este estudo colocando as seguintes questões de investigação

Na Educação Básica rapazes e raparigas sentem-se igualmente bem nas aulas de EF ?

Será que na escola, onde é facultada atividade física e desportiva pela EF, rapazes e raparigas têm a mesma consciência sobre as práticas que são oferecidas?

Na educação básica, as práticas de AFD marcam mais um dos estereótipos de género?

Que sugestões podemos propor para garantir uma intervenção que flexibilize as práticas de AFD de modo a implementar a coeducação ?

OBJETIVOS

Partindo de estudos anteriores (_____, 2003; 2015; Pacheco & _____, 2012), onde no final da escolaridade verificámos a existência de uma atitude menos favorável por parte das raparigas relativamente à EF, mantendo uma atitude de desinteresse e manifestando pouca intenção de continuar, tentamos agora analisar o que se passa em “estudantes mais jovens”, que se encontram a meio da escolaridade básica (5.º, 6.º e 7.ºanos).

Foi nosso objetivo realizar uma análise comparativa da perceção que rapazes e raparigas têm das práticas de AFD oferecidas na EF. Por outro lado, pretendemos com esta abordagem ficar atentos a práticas coeducativas que favoreçam um acréscimo de adesão à AFD ao longo da vida.

PARTICIPANTES

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma amostra de 993 aluno(a)s, 57.5% (n=571) raparigas e 42.5% (n=422) rapazes, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos, com uma distribuição equitativa entre o 5.º, 6.º e 7.º anos do ensino básico/fundamental de várias escolas do ensino público.

MÉTODO

Este estudo, com características quantitativas, foi realizado a partir da informação recolhida por aplicação de um inquérito por questionário, elaborado com questões fechadas e abertas, e com realce na comparação realizada por sexo/género.

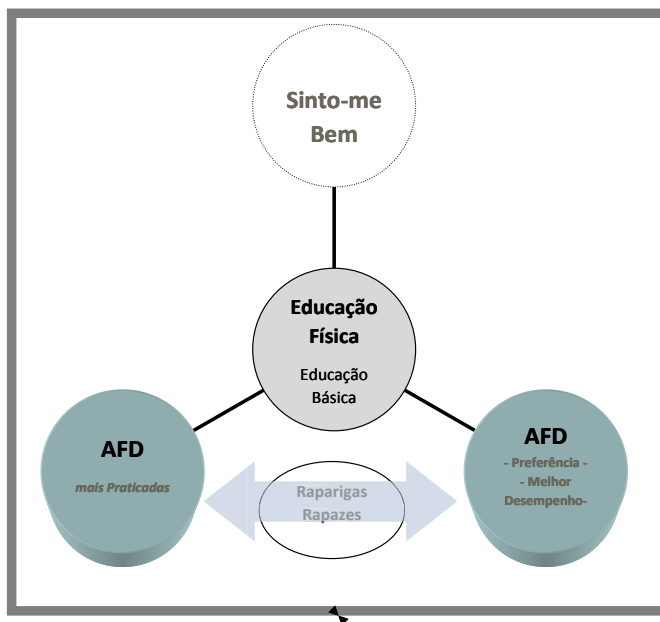
Do questionário aplicado, recolhemos dados referentes a alguns indicadores (Figura 1) que considerámos relevantes para o nosso estudo comparativo entre rapazes e raparigas, nomeadamente:

i. o “sentimento positivo” existente relativamente à prática regular de AFD na escola, isto é, na EF;

ii. as práticas de AFD percecionadas pelos aluno(a)s como sendo as mais praticadas nas aulas;

iii. as AFD de preferência e aquelas em que têm uma mais elevada auto competência, isto é, percecionam ter um melhor desempenho.

Figura 1 – Análise de Variáveis do Estudo



Tentámos verificar qual a influência do sexo/ género nesses parâmetros e a relação existente entre os mesmos.

Para efeitos de análise e tratamento estatístico dos dados recolhidos utilizou-se o software *Statistical Package for the Social Sciences* - versão 22 - e recorreu-se a uma análise estatística descritiva, através de análise de percentagens e à aplicação da estatística de testes de estatística não paramétrica (Qui Quadrado, χ^2) e da correlação bivariada (rho de Spearman, ρ).

RESULTADOS

Inicialmente achámos relevante procurar as ligações entre o sexo/género e as restantes variáveis independente (tabela1).

Da observação à tabela 1, verificamos que existem algumas associações entre o sexo/ género e os vários parâmetros que nos propusemos analisar, à exceção da oferta de AFD nas aulas lecionadas. Assim sendo, podemos verificar que existe uma ligação indiscriminada, para rapazes e raparigas, entre a percepção das atividades mais oferecidas nas aulas, as suas atividades preferidas e aquelas em que se consideram melhores praticantes. Consideramos que este é um pressuposto de partida para a análise que se seguirá.

INTERVIR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COEDUCAÇÃO. REALIDADE OU INTENÇÃO?

Tabela 1. Associação entre variáveis

	Sexo/Gênero	A tua AFD Preferida	AFD em que és Melhor
“Senteste bem nas aulas de EF?”	$\rho=.113^{**}$ $p=.001$		
A AFD Mais Praticada na EF	$\rho=.050$ $p=.113$	$\rho=.250^{**}$ $p=.000$	$\rho=.237^{**}$ $p=.000$
A tua AFD Preferida	$\rho=.125^{**}$ $p=.000$		
AFD em que és Melhor	$\rho=.110^{*}$ $p=.010$		

* - associação moderada; ** - associação forte

Quando analisamos as respostas à questão “Senteste bem nas aulas de Educação Física?” (tabela 2), verificamos que existe alguma distinção quanto às respostas dadas por rapazes e rapariga, podendo verificar que após um certo percurso escolar existem já diferenças de sentimento do aluno(a)s relativamente à EF, área escolar que o(a)s beneficia pessoalmente e socialmente.

Registamos que há uma maior percentagem de rapazes que se “senteste bem nas aulas de EF” (+ 11.9%) e que as raparigas mostram-se mais indiferentes, ou em desacordo, com esta premissa. Estes dados são coincidentes com o estudo de _____(2003), onde foi nas raparigas que se detetou uma maior ameaça à sua auto estima e, por isso, menor interesse em aderir a práticas físicas na EF.

Tabela 2. Sentimento do(a)s aluno(a)s na EF

	“Senteste bem nas aulas de Educação Física?”		Qui Quadrado
	Raparigas (n=571)	Rapazes (n=422)	
Completamente de acordo ou Acordo	392	323	$\chi^2= 13.875$ $p=.008^{**}$
	68.8%	76.9%	
Indiferente	66	30	
	11.6%	7.1%	
Em desacordo ou completamente em desacordo	81	44	
	14.2%	10.5%	
Não Responde	32	25	
	5.4%	5.5%	

** $p<.01$ diferenças muito significativas

Apontamos como várias as causas para as diferenças registadas entre rapazes e raparigas, quanto ao sentimento de bem estar na EF. Primeiro, a circunstância da EF ter eleito o desporto como um dos meios legítimos de ação, desporto esse que se identifica preferencial e quase exclusivamente com uma prática no masculino. Segundo, o facto desta disciplina nem sempre oferecer um leque de atividades e conteúdos que possibilitem o envolvimento de todos o(a)s aluno(a)s, respeitando uma educação equitativa em função das necessidades e interesses associadas ao sexo/gênero. O interesse demonstrado pelo(a)s aluno(a)s pela EF, poderá ter uma ligação com fatores individuais (traços antropométricos, imagem corporal e estereótipos de gênero) mas muito valorizados pela cultura e a sociedade atual (com tendência para uma educação homogeneizada e muito sedentária).

Quando comparadas as percepções de rapazes e raparigas, sobre as atividades e conteúdos de prática física e desportiva mais abordados na escola pelo seu professor de EF, com as suas preferências e a noção de competência, registamos valores pontualmente diferenciados (Tabela 3).

Registam-se diferenças altamente significativas no leque de atividades nomeadas por rapazes e raparigas, quanto às AFD mais lecionadas, preferidas e em que julgam ter melhor desempenho.

Tabela 3.– Percepções e preferências de rapazes e raparigas sobre as AFD

	AFD Mais Praticada na Aula de EF		AFD Preferida		AFD Melhor Desempenho	
	Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes
<i>Ritmo-Expressivas</i>	1 0.2%	0 0.0%	5 1.00%	0 0.0%	4 0.7%	0 0.0%
<i>Gimnicas</i>	92 16.1%	59 14.0%	87 15.0%	22 5.2%	121 21.2%	37 8.8%
<i>Patinagem</i>	5 0.9%	3 0.7%	22 4.0%	8 1.9%	29 5.1%	6 1%
<i>Atletismo</i>	79 13.9%	29 6.9%	39 7.0%	17 4.0%	51 8.9%	22 5.2%
<i>Aquáticas</i>	3 0.5%	2 0.5%	8 1.0%	1 0.2%	1 0.2%	1 0.2%
<i>Jogo</i>	306 53.7%	274 65.2%	372 65.0%	342 81.2%	293 51.4%	310 73.6%
<i>Exploração da Natureza</i>	2 0.4%	0 0.0%	1 0.2%	0 0.0%	3 0.5%	0 0.0%
<i>Radicais</i>	0 0.00%	1 0.2%	4 1.0%	0 0.0%	3 0.5%	2 0.5%
<i>Outras</i>	17 3.0%	13 3.1%	17 3.0%	12 3.0%	23 4.0%	12 2.9%
<i>Não Responde</i>	66 11.4%	41 9.3%	16 3.0%	20 4.0%	37 6.3%	32 7.1%
Qui Quadrado	$\chi^2 = 21.628$ p=.001		$\chi^2 = 51.928$ p=.000		$\chi^2 = 67.600$ p=.000	

** p<.ou =001 diferenças altamente significativas

A área dos jogos, essencialmente os jogos desportivos mais tradicionais (futebol, basquetebol, voleibol e andebol) são aqueles que, mais uma vez, tomam a liderança das modalidades que são percebidas como mais lecionadas na EF, por alunos e alunas (65.2% e 53.7% respetivamente, do total de atividades mencionadas). Vários autores (Lima & Dinis, 2007; Silva, 2007) referem igualmente este facto, dando-lhe um grande relevo, pois para eles não só há uma grande valorização das práticas masculinas de desporto na EF, como existe uma verdadeira subordinação feminina às mesmas, o que limitará, por si só, a participação futura das raparigas na prática física a determinados tipos de desportos, que concretamente não se conseguem nas práticas diárias, fora do contexto escolar.

É de referir que sendo estas práticas aquelas em que há maior investimento nas escolas, é normal que venham a ser mais mencionadas como aquelas que os aluno(a)s preferem ou são melhores, independentemente do sexo/género.

INTERVIR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COEDUCAÇÃO. REALIDADE OU INTENÇÃO?

Há menos raparigas a mencionar a prática de jogo nas aulas de EF, assim como a sua maior capacidade neste domínio, provavelmente pela oportunidade distinta que por vezes os professores de EF recriam nas aulas, considerando que as raparigas não declinam as atividades mais dinâmicas e competitivas. No leque jogos de desportivos mencionados, os rapazes referem em primeiro lugar o futebol (27.9%) com mais 16.7% de nomeações e as raparigas o Basquetebol (15.6%) com mais 7.4%. Interessante é verificar que na sua preferência esta diferença se mantém e se acentua quanto ao juízo que têm sobre a sua prestação (Futebol: 35.6 % dos rapazes para 9.3% das raparigas; Basquetebol: 12% das raparigas e 9.4 % dos rapazes).

Corroborando ainda esta posição, Simões (2003) alude à organização desportiva, como seguindo um modelo cultural definido por prioridades masculinas e que favorece atitudes que dão prioridade à masculinização e que, por isso mesmo, leva ao abandono precoce das raparigas da prática física e desportiva.

Por outro lado, nesta fase, ao contrário de idades mais avançadas, a ginástica e o atletismo, AFD que exigem uma elevada prestação atlética, são as atividades mais mencionadas depois do jogo, sendo a sua prática ainda encorajada nas escolas. Contudo, registam-se já diferenças entre rapazes e raparigas, com maior realce para as práticas gímnicas, com menos 10% dos alunos rapazes a apresentarem esta AFD como preferida e menos 12.8% se consideram mais competentes. Robin (2005) mencionou a ginástica como uma atividade que nas escolas se tornou efeminizada, havendo um progressivo afastamento dos rapazes pelo interesse na modalidade.

Apesar do currículo indicar as atividades rítmicas e expressivas e a patinagem como áreas mais artísticas a desenvolver nas aulas de EF, a sua indicação pelos aluno(a)s releva a sua diminuta lecionação nas aulas e, conseqüentemente, o desinteresse manifestado por ambos, rapazes e rapariga. Curiosamente nem a dança tem aqui a primazia da preferência dada pelas raparigas, como seria esperado num programa direcionado para a promoção dos interesses e da sensibilidade das nossas jovens, já que por norma estas atividades assumem um estatuto de atividades estereotipadas, percecionada socialmente como mais valorizada pelo sexo/ género feminino. Como menciona Hall (1996) a personalidade feminina é mais do que o produto de uma cultura concebida sob orientações masculinas, ela é o resultado da interação entre as características biológicas, de condição física, psíquicas e sociais.

Creemos que todas as outras atividades pouco referidas, entre outras as atividades do meio aquático e práticas de outdoor, possibilitariam apresentar formas de trabalho mais flexível, em práticas de coeducação.

Para além de na atividade física curricular se tentar cuidar da cultura física, também se deve oferecer práticas que suscitem no(a)s aluno(a)s um trabalho que se preocupe com o domínio emocional e expressivo. Cabe à escola ser um agente educador de emoções e, nesse sentido, preparar todos os indivíduos, sobretudo os do sexo/género masculino para terem um comportamento de maior controlo emocional e serem mais afetivos, para mais tarde, no seio da sociedade e da família, apresentarem um maior equilíbrio psicológico e emocional, apresentando atitudes de maior agilidade e comunicação afetiva, maior dedicação e compreensão (Céspedes, 2014).

Por outro lado, nas idades que analisámos as raparigas tendem a ter maiores desequilíbrios psicológicos que advêm da alteração física a que estão sujeitas, em virtude das mudanças hormonais que se desencadeiam nesta faixa etária ou até um pouco antes e que caracterizam a puberdade feminina, a qual antecede em cerca de dois anos a puberdade masculina. Se por um lado a oferta de atividades atléticas e desportivas as beneficia no domínio social e de obtenção de sucesso, caso tenham práticas adequadas às suas capacidades, por outro lado, caso essas atividades não se ajustem, pode-se criar um verdadeiro fosso entre a jovem e a prática de AFD. A necessidade de ajustamento a um novo corpo, bem como a observação do desfazimento do seu desenvolvimento com-

parativamente ao das suas pares, leva muitas raparigas a evitarem a prática de AFD e a exposição do corpo nos balneários. Este estudo inclui uma amostra de alunos de 5.º ao 7.º ano. Num estudo de _____ & Carvalho (2006) também se verificou que os alunos de 7.º ano tinha uma autoestima significativamente mais baixa do que os dos anos seguintes. Tanto neste estudo como noutro de _____ (2013) não se notaram grandes diferenças de autoestima entre raparigas e rapazes, mas no último constatou-se uma maior satisfação dos rapazes com a sua imagem corporal.

Pensamos que será pertinente garantir-se uma educação física e corporal, para um trabalho do movimento mais expressivo, e que desenvolva no indivíduo em todas as suas dimensões e capacidade humanas, estimulando os seus sentidos, emoções, memórias, imaginação, estético, simbólico e cinestésico. Aqui o domínio das atividades rítmicas e expressivas, com realce para a apreensão e a vivência de acontecimentos, estão intimamente relacionadas com o controlo corporal realizado em várias dimensões – das expressões faciais aos gestos – facilitam e cultivam uma melhor capacidade de comunicação e integração em sociedade. (Cunha, 2004)

CONCLUSÕES

Em síntese, o nosso estudo demonstra que:

- Rapazes e raparigas têm um sentimento próximo, mas com algumas diferenças, sobre as práticas de atividade física e desportiva oferecidas na escola pela EF;

- Independentemente do sexo/ género, observámos a existência de uma relação entre a percepção das práticas de AFD lecionadas na escola e a preferências e competência percebida pelos aluno(a)s;

- Na educação básica, a adesão às práticas oferecidas nas aulas, por rapazes e raparigas, em geral apresentam a mesma tendência: jogo, ginástica e atletismo, mas diferem na sua especificidade quanto às preferências e competência percebida pelos aluno(a)s;

- As preferências e maior domínio dos rapazes é no futebol, enquanto as raparigas elegem o basquetebol, práticas desportivas mais masculinizadas e de competição;

Uma maior preferência por parte delas pela ginástica e atletismo, distingue-as também dos rapazes na competência percebida;

- Na escola as atividades que exploram mais a sensibilidade, a estética, a expressão corporal, tais como, a dança e a patinagem artística, são quase totalmente esquecidas.

É nossa sugestão que se opere uma mudança no(s) programa(s) curricular(es), com conteúdos que incorram para uma prática de atividade física menos tradicional e mais flexível, requerendo atividades culturais e artísticas (expressão corporal; yoga; dança folclórica; patinagem artística, artes circenses, entre outros), assim como, atividades de ar livre (natação, marcha orientada, escalada, entre outros).

Assim, insinuamos que, na educação física o(a)s professores proporcionem um conjunto de experiências realistas que possibilitem que os alunos e alunas, enquanto população ativa do amanhã, aprendam a usar e relacionar-se positivamente com o seu corpo, não só em práticas desportivas mas também físicas e artísticas. Deverão, por isso, apresentar um conjunto de atividades físicas e desportivas que não sejam tão marcadas pelo estereótipo de masculinidade, realçando-se a necessidade de se introduzirem mais práticas que promovam uma equidade de oportunidades pelo recurso a uma maior sensibilidade e expressividade, assim como, a uma superior capacidade atlética para todos, possibilitando uma coeducação consciencializada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anastácio, Z. & Carvalho, G. (2006). Saúde na Adolescência: Satisfação com Imagem Corporal e Auto-estima. In B. Pereira & G. Carvalho (Eds). *Atividade Física, Saúde e Lazer: A Infância e*

INTERVIR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COEDUCAÇÃO. REALIDADE OU INTENÇÃO?

- Estilos de Vida Saudáveis* (pp. 49-61). Lisboa: Lidel.
- Anastácio, Z. (2013). Saúde e Desenvolvimento Adolescente: Relação entre tomada de decisão, comportamento sexual, autoestima e imagem corporal. In P. Silva, S. Souza & I. Neto (Org.). *O Desenvolvimento Humano: perspectivas para o século XXI. Atividade Física e saúde, inclusão Social e Formação Profissional*, Vol. 2, 149-159. São Luís do Maranhão: EDUFMA.
- Cale, L. (1997). An Assessment of the Physical Activity Levels of Adolescent Girls – Implications for Physical Education. *EJPE*, 2 (2), 46-54.
- Céspedes, A. (2014). *Educar as Emoções*. Lisboa: Editorial Presença.
- Condessa, C. (2003). A Atividade Física nas Escolas e as Preferências das Raparigas. Em *II Congresso Internacional da Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto - Mulheres e Desporto*. Porto: FCDEF-UP.
- Condessa, I. (2015). (En)volver para (Co)educar na Atividade Física Curricular. In Z. Anastácio & C. Silva (Org.). *Livro de Atas do Congresso de Educação Sexual em Meio Escolar e Meio Institucional* (pp:225-239). Braga: CIEC-IE/UMinho.
- Cunha, M.J. (2004). *A Imagem Corporal. Um Abordagem sociológica à importância do corpo e da magreza para as adolescentes*. Azeitão: autonomia 27.
- Fernández-Balboa, J.M. (1997). *Critical Postmodernism in Human Movement, Physical Education, and Sport*. New York: State University of New York Press.
- Gomes, P.B, Silva, P. & Queirós, P. (2000). *Equidade na Educação. Educação Física e Desporto na Escola*. Lisboa: Ed. Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto.
- Hall, M. (1996). *Feminism and Sporting Bodies. Essays on Theory and Practice*. Champaign: Human Kinetics.
- Lima, F.M. & Dinis, N.F. (2007). Corpo e Gênero nas Práticas Escolares de Educação Física, In *Curriculo sem Fronteiras*, 7(1), 243-252. Consultado em Fevereiro, 17, 2016, em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/limadinis.pdf>.
- Martins, D., Nunes, M. & Noronha, A. (2008) *Satisfação com a imagem corporal e autoconceito em adolescentes, Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 94-105. Consultado em abril, 2015, em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/Revista_Psicologia/Teoria_e_Pratica_Volume_10_numero_2/Psicologia_10_2-ok.artigo7.pdf.
- Melo de Carvalho, A. (2010). Para um Desporto Verdadeiramente Educativo. *Revista Gymnasium*. Ano 3, Jan/Jun., 13-33.
- Neto, A. & Col. (2000). *Estereótipos de Género* (2ª edição). Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos da Mulher.
- Pacheco, C. & Condessa, I. (2012). A Educação Física no Ensino Secundário: Compreender as Atitudes para Pensar a Mudança: um Estudo de Caso. In I. Condessa, B. Pereira, G. Carvalho (Org). *Atividade Física, Saúde e Lazer: Educar e Formar* (pp.147-158). Braga: Ed. CIEC-IE, Universidade do Minho/ FCT.
- Robin, J.F. (2005). Transposition didactique: le rôle des leaders en gymnastique scolaire. In C. Amade-Escot (Org.). *Didactique de l'Education Physique* (pp.27-48). Paris : Revue EPS.
- Silva, P. (2007). *A Construção/ Estruturação do Género na Educação Física*. Porto: FD/UP
- Simões, A. (2003). A Mulher em Busca dos seus Limites no Esporte Moderno. In A. C. Simões (Org.). *Mulher & Sports. Mitos e Verdades*. (1-34) São Paulo: Edições Manolo.